

# As Raízes Biológicas da Religião

Morton Hunt

Por que ateus são tão diferentes da esmagadora maioria da humanidade? Por que eles não precisam acreditar num deus tradicional de qualquer espécie — e a maioria deles nem mesmo numa força primária que apenas acendeu o estopim do big-bang e então deixou tudo tomar seu próprio curso?

São eles simplesmente mais inteligentes que praticamente todos os outros? Estou disposto a acreditar que são mais espertos e esclarecidos sobre a realidade que, digamos, os membros da União Cristã. Mas poderia supor que são mais inteligentes que crentes profundamente religiosos como Platão, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, Newton, William James ou mesmo Einstein? Ou, neste mesmo sentido, que a maioria dos cientistas americanos de hoje, que, de acordo com as pesquisas, professam algum tipo de crença religiosa? (1)

Mas o anverso deste enigma é bem mais curioso: Por que praticamente todos seres humanos em praticamente cada cultura conhecida acreditaram num Deus ou deuses e aceitaram os costumes, os dogmas e o aparato institucional de uma imensa fileira de diferentes religiões?

# Crença sem Evidência

O que faz isso tão estranho é que nos, seres humanos, sobrevivemos, nos multiplicamos e viemos a dominar a Terra em virtude de nossa inata tendência de resolver problemas percebendo relações de causa-e-efeito e fazendo uso delas — observando e usando informação empírica vinda desde a aerodinâmica superior de uma flecha quando emplumada até a extraordinária expansão de nossos poderes cognitivos alcançada com computadores.

Todavia, ao mesmo tempo em que isso indica que a mente humana é basicamente pragmática, praticamente todo ser humano durante a história documentada (e julgando a partir da evidência arqueológica de muito da pré-história) cultivou crenças religiosas sem qualquer base empírica. Certamente, nossos ancestrais da era Homérica e Mosaica frequentemente pensavam que haviam ouvido deuses falando com eles em suas mentes e às vezes pensavam tê-los visto, e mesmo hoje alguns indivíduos mentalmente doentes e outros que, apesar de tecnicamente saudáveis, são excessivamente devotos, pensam ouvir Deus falando com eles ou veem alguma fugaz aparição divina. Mas a grande maioria dos crentes não ouve ou vê tais coisas. Apesar de que muitos às vezes experimentam a manifestação de um sentimento de contato com o divino, os crentes do mundo não veem seus deuses, mas ídolos, símbolos e documentos que representam ou relatam sobre seus deuses.

Que outro tipo de evidência pode existir? Muitos tipos — mas todos altamente dúbios; eventos naturais interpretados como o trabalho de deus podem quase sempre ser explicados pelo senso comum ou por termos científicos. Ademais, a ocorrência de eventos miraculosos quase nunca é pesada contra a não-ocorrência comparável de eventos miraculosos. Frequentemente lemos nos jornais sobre alguma criança adorável morrendo de câncer inoperável que foi maravilhosamente curada quando a cidade toda rezou — mas nunca lemos sobre os casos em que rezas igualmente fervorosas não salvaram as vidas de crianças igualmente adoráveis. Ninguém se lembra delas, pois seres humanos possuem uma tendência à “parcialidade confirmativa”, como a denominam os psicólogos — lembramo-nos de eventos que confirmam nossas crenças, mas esquecemos aqueles que não; esta é provavelmente a razão pela qual 69% dos adultos numa pesquisa recente disseram que acreditam em milagres (2).

Apesar do conhecimento realístico das relações de causa-e-efeito vir sendo acumulado ao longo dos três séculos da era da ciência, ele não eliminou a religião. Alguns crentes modificam suas crenças para acomodar a evidência, enquanto outros a reinterpretem de modo mais extraordinário (os fundamentalistas dizem que os traços fósseis e geológicos da história da Terra e da evolução foram feitos por Deus e plantados no chão durante os seis dias da Criação).

A religião tem sobrevivido à vasta expansão do conhecimento científico através da adaptação; exceto no caso do fundamentalismo, ela

minimizou a explicação em termos sobrenaturais de eventos que podem ser mais bem explicados em termos naturais e, em lugar disso, enfocou os fenômenos que não podem ser testados ou refutados, como a piedade de Deus, a existência da alma e a vida após a morte. Em conformidade, mais de 90% dos adultos americanos ainda acreditam em Deus ou alguma forma de Ser Superior, uma grande minoria vivenciou a sensação do renascer (3) e apenas 10% possuem uma visão da evolução na qual Deus não possui qualquer função (4).

Por que, repetindo minha questão central, as pessoas precisam de religião?

## Deus e a Sociobiologia

Uma resposta que julgo persuasiva, parcimoniosa e cônica à evidência histórica e sócio-científica é dada pela sociobiologia, um novo ramo da ciência comportamental humana popularizada em 1975 por Edward O. Wilson da Universidade de Harvard e atualmente lecionando em muitas universidades (no que se segue, esbocei primariamente sobre três livros de Wilson e sobre um recente estudo sociobiológico da religião feito pelo professor Walter Burkert da Universidade de Zurich (5)).

A sociobiologia defende que uma parte considerável do comportamento humano baseia-se em nossa biologia — especificamente em tendências geneticamente direcionadas desenvolvidas em nós pela evolução. Nós

comemos, dormimos, construímos abrigos, fazemos amor, lutamos e criamos nossos jovens numa larga variedade de modos humanos porque — dizem os sociobiólogos — através do processo da seleção natural em interação com as influências sociais nós desenvolvemos predisposições genéticas para nos comportarmos de modo a garantir nossa sobrevivência enquanto espécie. Complexas interações entre numerosos genes nos dão a *capacidade* e *inclinação* para nos desenvolvermos como pessoas que são mais ou menos violentas, mais ou menos altruísticas, monógamas ou poligâmicas, muçulmanas ou católicas, ou qualquer coisa — dependendo de como nossa criação, nossas experiências e a miríade de influências da cultura na qual estamos imersos extraem as potencialidades dentro desses conglomerados de genes.

É assim que o indivíduo se desenvolve. Mas como chegamos a possuir um genoma de incorpora tais possibilidades de desenvolvimento? É aqui onde entra a teoria de Wilson. A última versão de sua teoria centra-se no que ele denomina “co-evolução gene-cultura”. Ele propõe que algumas preferências de base fisiológica conduzem ao desenvolvimento da cultura (um exemplo poderia ser o desenvolvimento em toda sociedade de alguma forma de vida em família em resposta à necessidade de sustendo e de proteção da criança e da mãe). Por outro lado, certas influências culturais reciprocamente favorecem a seleção e a evolução de tendências genéticas particulares (um exemplo poderia ser a inibição da agressão descontrolada em sociedade e o favorecimento de pessoas com uma

responsabilidade inerente para controle social da agressão).

Para vermos como a interação funciona, consideremos o caso da linguagem (este é meu exemplo, não de Wilson). Nenhum outro animal tem qualquer coisa remotamente igual à nossa capacidade de linguagem. Isso é porque apenas o cérebro humano tem duas zonas especializadas, a Área de Broca e a Área de Wernicke, ambas do lado esquerdo, na qual os neurônios estão conectados de modo a formar um mecanismo que reconhece as relações entre as palavras em sentenças. Entretanto, nenhuma linguagem vem pré-programada nessas áreas; nenhuma criança criada à parte do som da linguagem jamais falou espontaneamente. Mas nossos cérebros evoluíram de tal modo que toda criança normal pode espontaneamente imaginar o que as pessoas ao seu redor estão dizendo, independentemente das palavras ou da gramática que estejam usando. A evidência pré-histórica dos volumes e das formas do crânio, dos artefatos antigos e dos costumes dos povos primitivos indica que as imensas vantagens da comunicação linguística favoreceram indivíduos com maior capacidade neurológica para comunicação verbal, e que a cultura e a genética co-evoluíram para produzir o cérebro humano moderno e os milhares de idiomas humanos resultantes.

Este é um paradigma para o desenvolvimento da religião. Como o professor Burkert coloca: “Poderíamos ver a religião, paralelamente à linguagem, como um híbrido longamente vivenciado entre as tradições culturais e biológicas” (6). Ele defende que temos tendências e

capacidades biológicas que fazem com que necessitemos, aprendamos, valorizemos e pratiquemos a religião — não um tipo específico de religião, é claro, mas qualquer uma das milhares de religiões que, apesar das grandes diferenças entre si, tendem a satisfazer funções similarmente necessárias para o indivíduo e, tão importantemente, para a sociedade em que vivem.

As necessidades primárias satisfeitas pela religião foram, dizem os sociobiólogos, a aplacação do medo e a explicação dos muitos fenômenos mistificantes do mundo. Com o desenvolvimento da capacidade cerebral para linguagem, seres humanos foram capazes de desenvolver conceitos e ter experiências que eram impossíveis para pré-humanos, como, por exemplo, a consciência dos riscos e da morte; do tempo — do passado e do futuro; da recompensa e da punição; dos enigmas sobre os fenômenos naturais; da satisfação de se resolver um problema; do prazer, da beleza e do encantamento estéticos.

Mas habilidade verbal e conceitual também tinha grandes recompensas. Humanos primitivos desenvolveram um senso de reverência às maravilhas sobre as quais agora podiam pensar: o nascimento, o retorno da vida na primavera, o arco-íris — e com este senso de reverência veio a necessidade de explicar tais maravilhas. Os novos poderes cognitivos dos seres humanos renderam as alegrias do reconhecimento da saúde após a enfermidade, da sobrevivência às adversidades, das colheitas, dos problemas resolvidos, dos erros corrigidos e do prazer estético gerado pelas muitas belezas do mundo

ao seu redor.

Os humanos primitivos explicavam — e a maioria dos humanos atuais ainda explica — todas essas experiências misticantes positivas e negativas através da religião.

Se há o mal no mundo, ele é, em algumas religiões, o trabalho de uma divindade má — Arimã, Satã, Asmodeus, Loki —, mas, em outras religiões, é o produto dos maus desejos em seres humanos. Contra as incertezas e os perigos do futuro, pessoas rezam, pedindo à divindade que faça tudo terminar bem. Contra a desgraça de perder alguém amado ou o medo da própria morte, pessoas buscam confiança de que viverão após a morte em algum outro reino. Contra as tribulações, a iniquidade e a desesperante injustiça da vida, que melhor consolo que esperar uma justa e generosa recompensa de um Pai amoroso no céu? E, de modo semelhante, quando as coisas vão bem, quando o mundo é maravilhoso, quando as pessoas estão entre aquelas que amam e gozam dos frutos de seu trabalho, o que seria mais natural que um sincero agradecimento à suposta fonte das coisas boas?

A religião, assim, veio de encontro a uma nova necessidade evolutiva humana de compreender e controlar a vida. A religião serve aos mesmos propósitos que a ciência e as artes — “a extração da ordem a partir dos mistérios do mundo material”, como Wilson coloca (7) —, mas na era pré-científica não havia outra fonte de ordem exceto a filosofia, a qual era compreensível apenas a uns poucos favorecidos e, em todo caso, não estava nem próxima de ser tão emocionalmente



satisfatória quanto a religião.

Outra grande função da religião era funcionar como uma força social conjuntiva e consolidativa. Cito Wilson novamente: “A religião é... grandemente potencializada pelo seu principal aliado, o tribalismo. Os xamãs e sacerdotes imploram-nos em sombria cadência: *confiem nos rituais sagrados, tornem-se parte da força imortal, você é um de nós*” (8). A propiciação e o sacrifício religiosos — práticas religiosas quase universais — são atos de submissão a um ser dominante e a uma hierarquia de dominâncias.

A religião deste modo ajudou a satisfazer a necessidade dos seres humanos de viver conjuntamente. Esta necessidade possui uma base biológica: necessitamos de uma vida social para prosperar emocionalmente — e, de fato, fisicamente. Evidências recentes mostram que pessoas que vivem sozinhas têm menos resistência imunológica a doenças que pessoas que vivem com um cônjuge ou parceiros. Mas a vida social requer algum sistema de liderança hierárquica a fim de evitar infindáveis disputas acerca de alimento, sexo e outros benefícios. Provavelmente todos já viram isso em documentários televisivos sobre a vida grupal de chimpanzés e babuínos. A criação humana de vários sistemas de controle social é uma resposta às necessidades biológicas que herdamos de nossos ancestrais pré-humanos.

Mas os povos antigos tinham consciência de que certas forças inexplicáveis e poderosas — terremotos, secas, epidemias — que

afetavam suas vidas estavam além do controle de seus líderes. Era simplesmente natural que supusessem que tais forças eram obra de seres desconhecidos e análogos a seus líderes, mas muito mais poderosos, os quais eles tratavam com medo, reverência e respeito. Dos tempos antigos ao presente, em praticamente toda religião, Deus ou os deuses são os “senhores” da criação, os governantes aos quais todos humanos, incluindo imperadores e presidentes, precisam obedecer e venerar. Assim, em adição a todas formas de governo e liderança social que seres humanos desenvolveram, eles também buscaram liderança e ajuda dos xamãs, curandeiros, sacerdotes e outras pessoas especiais que podiam ser mediadoras entre elas e os espíritos ou deuses, e adotaram atos de submissão ritualística para aplacar e agradar as divindades. Mas é claro que essas crenças e práticas religiosas livravam os líderes da sociedade da culpa quando as coisas iam mal; a religião, assim, sustentou o governo social.

Por todas essas razões, Wilson diz: “A aceitação do sobrenatural significou uma grande vantagem através da pré-história, quando o cérebro estava evoluindo”. A mente humana evoluiu para acreditar nos deuses — na forma de instituições religiosas se tornaram parte integrante da sociedade (9).

# Evidência Inferencial

Apesar de que biólogos têm sido capazes de identificar alguns genes responsáveis por desordens específicas, a base genética de qualquer forma específica de comportamento humano quase certamente não se deve apenas a um simples gene, mas à intrincada interação de numerosos genes. Quais são, entretanto, é algo bastante indeterminado, apesar de que parece certo que com o tempo os detalhes aparecerão.

A evidência que os sociobiólogos oferecem é inferencial — um conjunto de deduções racionais e persuasivas a partir do que conhecemos sobre a evolução humana, habilidades mentais humanas e religiões primitivas, incluindo a evidência pré-literária como os objetos de cerimônias funerárias e desenhos em paredes dos neandertais e cro-magnons. Sociobiólogos dizem que toda esta evidência respalda fortemente a sua teoria da religião, pois já que nenhuma outra espécie de ser vivo exibe comportamento similar, a religião deve ter sido produto de traços biológicos da evolução humana.

Mas Burkert diz que as raízes biológicas da religião são ainda mais profundas e antigas que as da linguagem, apesar de ganharem poder e riqueza com a sua chegada. Uma é o dispositivo utilizado por muitos animais de sacrificar parte de si próprios a fim de escapar do perigo. As pernas de algumas aranhas quebram-se facilmente e continuam se debatendo por algum tempo para distrair o predador enquanto a

aranha escapa. As caudas de lagartos se desprendem facilmente, permanecendo em poder do atacante enquanto o lagarto foge e posteriormente regenera sua cauda. Alguns pássaros, sob ataque, repentinamente soltam uma massa de penas, deixando o atacante com um bocado de penugem enquanto a refeição esperada desaparece.

Os equivalentes humanos deste comportamento existem na forma de rituais religiosos — o sacrifício de poses desejáveis aos deuses a fim de escapar da má fortuna, como o derramamento de vinho no chão, o sacrifício e a cremação de animais valiosos, a doação de dinheiro para ajudar na construção de templos. Há muitos exemplos de sacrifícios muito mais sérios feitos para aplacar Deus, como as autocastrações feitas por certos cristãos primitivos devotos e pelos Skoptsi, fanáticos religiosos russos do século XVII. E abdicar da atividade sexual como um todo, conjuntamente com a vida com os pais e familiares, como padres e freiras têm feito por séculos, certamente é um sacrifício tão extremo — da parte pelo todo — quanto a mutilação física.

Deste modo, a biologia é a base dos muitos atos de submissão ritualística nas religiões humanas. O mais comum desses atos, e relativamente inócuo, é curvar-se ou ajoelhar-se (10). Muçulmanos prostram-se ao chão; católicos e alguns protestantes ajoelham-se em oração; pessoas de praticamente todas as denominações baixam suas cabeças em submissão durante a reza ou meditação. Alguns adoradores batem em seus peitos, lamentam e berram, rasgam suas roupas e jogam cinzas em si próprios, rastejam por milhas, flagelam

seus corpos despídos com correntes. Mesmo tais visões são modestas em comparação com os nauseantes atos de devoção de muitos santos medievais.

Um gênero de mais bom gosto de comportamento religioso de base biológica concerne à limpeza. Manter o corpo limpo é uma necessidade básica a todos animais superiores, alguns dos quais banham-se, outros se limpam, e ainda outros se cuidam reciprocamente, em benefício de suas funções corpóreas (11). Nós, seres humanos, sempre cuidamos de nossas pessoas, nos banhando, cortando nosso cabelo, nos barbeando e assim por diante.

Mas, sendo humanos, concebemos outra forma muito pior de sujeira que nos polui: a impureza da má-ação. Nossos ancestrais antigos limpavam-se da má-ação através de rituais como a queima de oferendas, rezas, suplícios e humilhações autoimpostas. Os cristãos aperfeiçoaram-se grandemente neste sentido: transformaram a simples culpa da má-ação num pecado — queira-se ou não — herdado de Adão e Eva. Isso criou toda uma nova indústria religiosa feita de confissões, penitências, absolvições, comunhão e o esforço no sentido de manter um estado limpo e perfeito — e tudo isso se autossustentava, visto que a pessoa purificada estava sujeita a tornar-se moralmente suja novamente em pouco tempo.

Assim, para sumarizar a teoria sociobiológica das raízes da religião: geneticamente embutidos nos seres humanos primitivos estava um conjunto de necessidades mentais, emocionais e sociais que fizeram

com que a cultura se desenvolvesse de certos modos — incluindo o desenvolvimento de várias religiões — e isto fez com que a cultura, reciprocamente, favorecesse e selecionasse evolucionariamente aqueles traços humanos que proporcionassem vantagens sócio-culturais aos indivíduos que os possuíssem. “A religião”, diz Burkert, “caminha nos trilhos da biologia... [e] a invenção aborígine da linguagem... proporcionou coerência, estabilidade e controle dentro deste mundo. É isto que o indivíduo está buscando, e alegremente aceita existência de entidades ou mesmo princípios abstrusos”. (12)

## O Enigma da Descrença

Retorno à primeira de minhas questões — por que descrentes são diferentes da grande maioria de seus semelhantes? Eles não são, entretanto, únicos, pois ao longo da história civilizada uma pequena minoria não necessitou de explicações sobrenaturais religiosas para seus próprios pensamentos ou para os mistérios, tragédias e glórias do dia-a-dia da vida. Não me refiro somente aos ateus ferrenhos, mas àquela minoria maior que manteve ou mantém um conceito deístico de Deus ou que considera as leis inerentemente consistentes da natureza — que governam o comportamento de galáxias, genes e quarks — com a reverência e o respeito que outros conferem a um Deus mais tradicional.

O melhor exemplo de tal pessoa de fato precede a ciência moderna. É Spinoza, para quem Deus era co-término com o Universo, nem exterior nem acima, mas idêntico a ele e a todas suas leis naturais. Para ele, Deus não era nada mais nada menos que o corpus total dessas leis.

Talvez os descrentes atuais sejam todos espinosistas contemporâneos, “sensíveis a” e “em sintonia com” o deus que permeia o Universo — que é o universo, que é idêntico à realidade. Talvez descrentes não rejeitem tanto as necessidades e impulsos religiosos da raça humana ao adaptá-los em termos realísticos e humanísticos, trocando os contos de fada das religiões convencionais por contos mais intelectualmente exigentes, proporcionados pela ciência moderna — leis naturais e evidências demonstráveis e reproduzíveis de relações de causa-e-efeito.

Talvez os descrentes satisfaçam a necessidade humana básica por ordem e integração social dentro da sub-sociedade da própria ciência e sua estrutura hierárquica. Talvez para descrentes o humanismo científico ofereça respostas profundamente satisfatórias a todas esses profundos e problemáticos mistérios que a religião propõe-se a responder, e os descrentes estão confortáveis com tais respostas apesar de serem incompletas e apesar de que, independentemente de quanto nosso conhecimento cresça, permanecerão assim, com novas descobertas sempre levantando novas e mais complexas questões sobre a realidade.

Finalmente, talvez os descrentes divirjam da grande maioria de seres

humanos de um outro modo; talvez sejam psicologicamente adultos, não necessitando da invisível figura de um pai, capazes de encarar a realidade da vida e morte humanas sem medo (ou ao menos de conviver com tal medo) e sensatos demais para acreditar em qualquer coisa sem comprovação, em qualquer explicação do mundo que seja *impossível* ou *absurda*.

Todavia, isso é somente uma conjectura; talvez esteja lisonjeando os descrentes sem motivo; talvez eles não sejam tão especiais e maravilhosos. Mas espero que sejam.

## Notas

1. A 1996 survey quoted in E. O. Wilson, *Consilience* (New York: Alfred A. Knopf, 1998), ca. p. 245.
2. *Time*, April 10, 1995, p. 65.
3. Edward O. Wilson, *On Human Nature* (New York: Bantam, 1979), pp. 176-77.
4. *Freethought Events and Planning Guide*, November 29, 1998.
5. Walter Burkert, *Creation of the Sacred: Tracks of Biology in Early Religions* (Cambridge: Harvard University Press, 1996).
6. Burkert, *Creation of the Sacred*, p. 20.
7. Wilson, *Consilience*, p. 257.
8. *Ibid.*
9. *Ibid.*, p. 262.
10. Burkert, p. 84-87.



11. Burkert, p. 123.

12. Burkert, p. 177.

autor: Morton Hunt

tradução: André Díspore Cancian

fonte: Free Inquiry magazine, Volume 19, Number 3